



Danilo Medeiros

Eduarda Diniz

Eduarda Rodrigues

Juliana Fernandes

Lorena de Araújo

Pedro William

Thiago Vieira

Direito a educação: Diferenças e impactos na atualidade

Brasília, DF

2020

Introdução

Educação é um direito de todos e dever do Estado e da família, o ensino deve ser ministrado com base em alguns princípios, como: Igualdade de condições para acesso e permanência na escola, liberdade de aprender, pesquisar e divulgar pensamentos, dentre outros. Diante disso, as informações passadas tratarão de alguns pontos que diz respeito a alguns dos pontos da constituição.

Objetivos gerais e específicos

1. Pretender o uso das comparações, o primeiro objetivo geral trata de comparar realidades distintas e próximas.
 - Buscar elementos e informações sobre o que é ter condição e não ter.
 - Explicar as principais diferenças e dificuldades de escolas privadas e públicas.
2. A partir dos aspectos internos traz a compreensão do direito ao estudo internamente inserido na sociedade.
 - Retratar a realidade a respeito sobre lugares remotos e a disponibilidade do mesmo.
 - Explicar sobre o processo de militarização das escolas públicas, evidenciando os principais pontos.
3. Com aspectos sociológicos, mostra nichos maiores e que abrangem grande parte da sociedade.
 - Retratar a desigualdade social existente.
 - Aludir a respeito da falta de oportunidades com o cenário vivido.

Metodologia

A partir da pesquisa científica descritiva realizada, com o tema principal: Direito a educação, previsto nos direitos humanos. Contando com uma abordagem de pesquisas homogenias, o grupo traz perspectivas diferentes e reais, com pesquisas, dados e fontes. Após da criação básica do trabalho, um site foi criado para disponibilizar grande parte das informações de uma forma criativa e estimulante, fugindo da monotonicidade de ler arquivos.

Embasamento teórico

Condição X Falta de condição

Um dos elementos mais marcantes da desigualdade é a distribuição desigual de renda entre os indivíduos. Por esse motivo a sociedade foi dividida entre ricos e pobres e nessa mesma linha de pensamento, as pessoas que usufruí de melhores condições tem um leque de possibilidades e escolhas realizáveis, enquanto, quem não possui muita condição não tem a mesma liberdade de escolha e de possibilidades.

Grande contingente da população perdeu a renda nos últimos anos, enquanto a estreita fatia mais abastada da sociedade aumentou a concentração de renda, tornando o país, cada vez mais, desigual, conforme dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad).

O Brasil é um dos países mais desiguais do mundo. Na nossa história recente, o maior aumento na desigualdade se deu nas décadas de 1960 e 1970, em decorrência de uma política econômica que visava concentrar a renda nas classes mais ricas para incentivar o investimento e o consequente crescimento da produção. A ideia era crescer o bolo para depois reparti-lo. Para atingir tais objetivos, o governo militar reduziu os salários reais e reprimiu a organização dos trabalhadores.

Portanto, para diminuir o índice de desigualdade no país é necessária uma política que faça uma distribuição igualitária da renda, fazendo com que todos desfrutem de uma vida confortável e cheia de possibilidades.

Ensino Público X Ensino Particular

A desigualdade social do país afeta a cultura da educação e cria inúmeros estereótipos sob aquele que tem custo, justamente por acreditar que é um maior investimento, porém não é sempre o que acontece. A escola pública sofre um enorme preconceito por ser vista como marginalizada e por ser a única opção para aqueles que não podem pagar muito por um ensino privado, que por sua vez é totalmente elitizado pelo senso comum.

O ensino público por ser financiado pelo governo, não tem tanta prioridade e acaba sendo deixado para trás. Entretanto, profissionais e a maioria dos alunos compensam com os esforços necessários para alcançar a melhor qualidade possível. Em tempos de pandemia estão com um atraso enorme justamente por essa falta de atenção do Estado, embora as escolas particulares terem conseguido se adequar rapidamente ao imprevisto usando a educação à distância.

O ensino particular por ter muito financiamento tem suas regalias, porém também deixa a desejar em alguns quesitos. Quanto mais cara a mensalidade, maior o comprometimento da instituição para fornecer uma educação de qualidade, portanto não são todas as escolas particulares que oferecem uma boa preparação para o aluno.

A alternativa viável seria educação de qualidade para todos, pois é extremamente necessário o acesso ao conhecimento para toda a população. O governo deve priorizar o ensino público para que assim ambas as instituições consigam ofertar equidade aos estudantes com oportunidades igualitárias. Evitando que pessoas que estão no ensino público percam o interesse por falta do investimento necessário e que aquelas que usufruem do ensino privado possam ter a garantia de capacitação.

Lugares remotos

LONGÍNQUO: que se encontra longe no espaço e/ou tempo. Tem suas origens distantes, em relação ao que se estar.

Os lugares remotos, não tem uma definição específica, podem ser caracterizados como áreas longínquas ao que se chama urbano, ou até não propícias à moradia, mas também existem as que não estão distantes de civilização e podem ser habitadas. Porém, uma característica que engloba todos, ou pelo menos a maioria dos lugares remotos, é o seu difícil acesso tanto por motivos naturais, físicos ou até por questões de sobrevivência.

Alguns lugares do mundo carregam o título de remotos, baseado em sua inacessibilidade, temperaturas extremas, pouca quantidade de visitantes e/ou moradores. Exemplo tal, Oymyakon na Sibéria, caracterizada como a cidade mais fria do mundo por conta do seu clima um tanto insólito. Essa pequena cidade carrega o gélido recorde de 71,2 graus

abaixo de zero, proporcionando, garagens com aquecedores pois caso contrário os motores congelariam e ficariam impossíveis de dar partida no automóvel.

Por serem um tanto inacessíveis esses lugares tendem a ser locais de pesquisas e não de moradia, como a Antártida que é habitada por quantidades distintas de pesquisados entre o inverno e o verão.

Processo de militarização das escolas públicas

No Brasil existem instituições voltadas ao ensino da população, que na maioria dos países são de cunho obrigatório. Nestes sistemas, os estudantes estão sujeitos a vários níveis de ensino, que se denominam de séries. Sendo ainda dividido em algumas etapas, como maternal, fundamental, médio e se o jovem optar, o ensino superior. Porém, essas instituições podem ser públicas, que são financiadas pelo o estado e podem ser privadas, que são financiadas por pessoas jurídicas de direito privado.

Segundo um estudo feito e publicado no site do Inep.gov dos 35,8 milhões de alunos do fundamental no Brasil; 90,5% estudam em escolas públicas e apenas 9,5% em escolas particulares, já no ensino médio a porcentagem de alunos em escolas públicas diminui, caindo para 82,4% e nas escolas particulares 17,6%. Outro estudo divulgado foi a quantidade de matrículas na rede pública que foi de 27.606.210 alunos matriculados no ensino fundamental e médio.

Após esse breve esclarecimento sobre o nosso ensino público no Brasil, no ano de 2018 a bandeira de campanha eleitoral de Jair Bolsonaro foi a militarização das escolas públicas, tornando esse ato prioritário na área educacional se caso ele fosse eleito. Após a eleição do novo presidente, as promessas de militarização das escolas públicas estão sendo cumpridas. Atualmente, no Brasil existem 120 escolas em 17 estados que já foram militarizadas, tendo no poder de coordenação do colégio os próprios militares, substituindo os coordenadores da secretaria da educação. Porém, muitas pessoas confundem escolas militarizadas com colégios militares. Basicamente, escolas militarizadas não recebem as mesmas verbas que os colégios militares. Enquanto eles são mantidos pelo o Ministério da Defesa as públicas são mantidas pelo o Ministério da Educação. Além das escolas militarizados exigirem padrões comportamentais, como fila para entrar em sala, bater continência, cabelos padronizados e até uniforme militar. Já os colégios militares são voltados para quem deseja seguir carreira como

militar. Outra diferença, é o investimento feito pelo colégio militar que em média é de R\$19 mil ao ano por estudante, nas escolas públicas militarizadas, o investimento é em média de R\$6 mil por ano.

A militarização das escolas públicas, apresentam como alternativa a contenção da indisciplina e, indiretamente, a melhoria do aprendizado. Um dos objetivos do novo modelo implementado e a diminuição da violência nos ambientes escolares. Segundo o estudo publicado no site [agenciabrasil.ebc](http://agenciabrasil.ebc.com.br), em 2019, 81% dos estudantes e 90% dos professores souberam de casos de violência em suas escolas no último ano. Ocorrências mais frequentes de violência nas instituições envolveram bullying, agressão verbal, agressão física e vandalismo, o que torna o ambiente educacional prejudicial ao desenvolvimento e a aprendizagem. Os números demonstram que o estado não tem uma política para prevenir e reduzir o índice de violência nas escolas. É necessário que a Secretaria da Educação tome medidas para que este assunto seja debatido nos colégios. A violência não será resolvida simplesmente com medidas repressivas. Contudo, a ação militar nas escolas para resolver o problema de violência, pode resultar em uma forte hierarquia e controle disciplinar, típicos de estruturas militares, que instauraram um ambiente baseado em ordens e imposições. Ao invés de fomentar a educação em valores, que tem como base a estimulação da convivência respeitosa entre as pessoas, a formação de indivíduos autônomos capazes de refletir, criticar e escolher os seus valores em meio a diversidade.

No Brasil, preza-se pela a democracia, a opinião arbitrária e o direito de ir e vir livremente. Porém, no processo de militarização das escolas públicas são impostas algumas regras que fazem alusão a uma hierarquia, pois nessas instituições é necessário usar um certo tipo de estilo e corte de cabelo, além da padronização das roupas e ações. Em um País que se diz democrático, como aceitamos que os nossos jovens sejam ensinados de forma a serem uma verdadeira máquina manipulada a seguir ordens? Será que realmente os militares estão preparados para ensinar e governar uma instituição educacional? Se formos pensar nos colégios militares as respostas para essas perguntas facilmente seria sim, pelo o fato dessas instituições terem como filosofia principal a palavra disciplina e ter como consequência a formação de verdadeiros cidadãos. Os colégios militares são bastantes procurados, pelo o fato do seu ensino ser de excelência e resultados esplêndidos. Mas, se pegarmos os dados supracitado nesse texto vimos que uma diferença gritante entre o investimento no aluno do colégio militar e do aluno da escola pública militarizada. As instituições militarizadas, tem em seu poder de coordenação militares, que em seu treinamento foi criado para seguir regras e ser rígidos. São verdadeiras

máquinas brutais facilmente manipulados para executar qualquer ação, seja ela de violência ou generosidade. Será que ensinar esses padrões para uma nova geração não irá torná-los mais arrogantes e paranoicos? Ou será que é tudo uma jogada para tornar a sociedade mais manipulável e sem características individuais? já que estão sendo formados cidadãos que não podem se vestir diferente dos outros, não podem agir diferentes dos demais e o não podem pensar diferente do que está sendo proposto, se não esse indivíduo é rejeitado do meio. Para um país que, se diz democrático e que aceita todas as opções sexuais, raciais e diferentes formas de pensamento. Os novos modelos implementados nas escolas estão em controversa ao que foi dito anteriormente, pois estão sendo formados cidadãos que não questionam, somente aceitam o que foi dito.

Há diversas opiniões sobre esse assunto, o Sindicato dos Professores do Distrito Federal (SINPRO-DF), diz que o primeiro ano de gestão compartilhada é totalmente negativo, pelo o fato de promessas não serem cumpridas, a falta de clareza na prestação de contas e a perda de autonomia das escolas públicas. Segundo uma das diretoras do Simpro-DF Letícia Montandon, ‘‘Não é e não está sendo algo bom. A gestão democrática não foi respeitada. Está sendo cerceado o direito dos estudantes, o direito à identidade, aos corpos, à raça’’. Contudo, é de fundamental compreensão que muitas pessoas apoiam esse novo projeto de militarização das escolas públicas, mas por outro lado, há muitas pessoas que discordam sobre o tema. De fato, esse é um tema bem complicado de ser discutido, pois de um certo lado estão formando cidadãos sem senso crítico, sem identidade própria e facilmente manipulados. Mas, estão levando a disciplina e a responsabilidade para esses jovens. Porém, não podemos deixar de citar que esses aprendizados só ocorrem de maneira forçada, mesmo que essa pressão não seja evidente, sabemos que militares colocam medo na população ao invés de trazer segurança.

Desigualdade social

Atualmente, na internet, observa-se um assunto muito polêmico gerando movimentos antirracistas no cenário mundial: a desigualdade social. O principal problema é que tal assunto não ocorreu em poucos dias, mas sim por mais de quinhentos anos. No Brasil, na época de sua colonização, a primeiras mãos de obra utilizada para o povoamento da região foi a escrava. Utilizando-se inicialmente indígenas e, em anos posteriores, africanos. A ideia era considerada bastante lucrativa visto que os homens que se tornaram escravos normalmente eram resultado de lutas entre tribos rivais e os perdedores acabavam escravizados e

comercializados com os europeus para serem revendidos em suas colônias, principalmente no Brasil. Chegando em seu destino, a maneira em que o mercado avaliava o preço de suas “mercadorias” eram um tanto quanto peculiares. tratava-os como meros objetos e analisavam desde quantos dentes o escravo tinham na boca até se ele havia habilidades para determinado serviço (como fazer doces a fim de revender ou músculos para trabalho pesado). Esse método também era refletido na forma em que os donos de escravos tratavam seus “bens”. Remetendo à torturas e à trabalhos desumanos -além de estupro em certas ocasiões.

Futuramente, os negros foram libertados e viveram felizes para sempre? A resposta, como se vê em notícias atuais -como no caso do jovem George Floyd-, é não. Nessa ideia, a pergunta que diversas pessoas deveriam ter feito em séculos atrás era: O que fazer para atenuar a quantidade de casos de abuso das minorias? Para Gabriel Tarde, sociólogo francês e até sua morte foi diretor da seção de estatística criminal do Ministério da Justiça em Paris, o criminoso, nesse caso, o agressor, deve ser tratado como um profissional. Para ele, todo profissional deve aprender o seu trabalho em algum lugar -seja em faculdade, estágio, tradição, etc.-, ou seja, uma pessoa que pratica esses atos de abuso um dia aprendeu a fazer isso. Como é um caso em que a maioria tem essa cultura de agressão à minoria, qual a instituição que a maioria das pessoas frequentam e é responsável para a formação cultural do indivíduo? A escola.

Segundo Pierre Bourdieu, as escolas reafirmam o processo de desigualdade. A partir do momento em que o professor deixa de levar em conta, em meio a técnicas e métodos de transmissão e competências de avaliação, em sala de aula, a cultura do indivíduo, ele acaba por favorecer os mais favorecidos. Porque, na visão dele, desde o início da vida escolar do estudante, é preciso equiparar as diferenças culturais de cada pessoa -que provém das experiências delas e dos ensinamentos transmitidos por seus responsáveis-. Pois como esperar que pessoas desprovidas de capital cultural consigam se relacionar com as obras de cultura apresentadas pela escola, enquanto os alunos de origens culturalmente privilegiadas já têm uma base bem estabelecida que os permite ter uma facilidade “natural” e excelência nos estudos? Dessa forma, em seu artigo de 1966 “A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura”, consegue romper o mito de aptidões naturais no âmbito escolar e selando também, o destino acadêmico de cada indivíduo.

Existe uma diferença enorme entre as escolas públicas e privadas, do qual interliga as desigualdades oportunas entre elas.

O ensino no Brasil não é igualitário pelo fato das oportunidades oferecidas não serem iguais. Alunos de escolas privadas possuem uma organização de ensino melhor e além disso para conseguir alcançar um objetivo em comum precisam se esforçar menos do que os alunos de escolas públicas, pelo fato das oportunidades oferecidas serem ampliadas.

Aproximadamente 70% dos alunos que completaram o ensino médio na rede privada entraram em uma universidade pública, enquanto os outros 30% dos alunos que completaram o ensino médio na rede pública conseguiram ingressar pelo dobro de esforço aplicado.

Na época de quarentena por conta do Covid-19 os alunos da rede pública estão sendo muito afetados, pois não possuem nenhum acesso aos conteúdos do ano, todavia, os alunos da rede privada desde o início estão tendo acesso as aulas EAD (Ensino a Distância). Consequentemente, os estudantes das instituições públicas são prejudicados pela falta de oportunidade, levando a uma regressão maior em relação aos índices de alunos da rede privada que conseguem ingressar as universidades públicas e federais.

Contudo, a falta de vagas e de oportunidades faz o estudante da rede pública perder o interesse de conseguir alcançar algum objetivo, levando-o a busca de empregos imediatos para conseguir ajudar a família, porém, com o índice de desemprego aumentando pode levar muitos a miséria.

Referências bibliográficas

Gabriel de Tarde. Wikipédia, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Gabriel_de_Tarde>. Acesso em: 17, Jun. de 2020.

HEY, Ana Paula; CATANI, Afrânio Mendes. Bourdieu e a educação. Cult, 2010. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/bourdieu-e-a-educacao/>> . Acesso em: 17, Jun de 2020.

SANTOMAURO, Beatriz. Falta de vagas e de interesse afasta os alunos da escola. Nova escola. Nova escola, 2019. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/2920/falta-de-vagas-e-de-interesse-afasta-os-alunos-da-escola>>. Acesso em: 10, Jun de 2020.

Escola privada coloca o dobro de alunos no ensino superior em relação à rede pública. Educação. Folha uol, 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2018/12/escola-privada-coloca-o-dobro-de-alunos-no-ensino-superior-em-relacao-a-rede-publica.shtml>>. Acesso em 10, Jun de 2020.

CAMPOS, Lázaro; KESLEY, Pricilla. O ESFORÇO ATÉ CONTA NA EDUCAÇÃO, MAS A OPORTUNIDADE DEFINE”, AFIRMA THAIANNE SANTOS, ESTUDANTE UNIVERSITÁRIA .Todos pela educação, 2018. Disponível em: <https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/o-esforco-ate-conta-na-educacao-mas-a-oportunidade-define-afirma-thaianne-santos-universitaria>. Acesso em: 17, Jun de 2020.

ALVES, Wanessa. Qual o resultado das escolas militarizadas do DF? Balanço depois de um ano. Correio braziliense, 2020. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino_educacaobasica/2020/01/22/interna-educacaobasica-2019,821952/resultado-das-escolas-militarizadas-do-distrito-federal-apos-um-ano.shtml>. Acesso em: 15, Jun de 2020.

SOUZA, Ludmilla. Violência contra professores e alunos cresce na rede pública paulista. Agencia Brasil, 2019. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-12/violencia-contraprofessores-e-alunos-cresce-na-rede-publica>>.

paulista#:~:text=Pesquisa%20in%C3%A9dita%20realizada%20pelo%20Instituto,%2C%20e m%202014%2C%2044%25.>. Acesso em 15, Jun de 2020.

GOUVEIA, Marcelo. Colégios militares: uns querem, outros não. Entenda os porquês. Jornal opção, 2015. Disponível em: <<https://www.jornalopcao.com.br/reportagens/colégios-militares-uns-querem-outros-nao-entenda-os-porques-41217/>>. Acesso em 17, Jun de 2020.

EDUCAÇÃO MILITAR: COMO ESSA METODOLOGIA DE ENSINO É REFERÊNCIA EM DISCIPLINA?. Faculdade da polícia militar, 2019. Disponível em: <https://blog.faculdadepm.edu.br/educacao-militar/>. Acesso em: 18, Jun de 2020.

PICARELLI, Maria. Militarização das escolas públicas: soldado ou cidadão?. Revista educação, 2019. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2019/04/29/militarizacao-das-escolas/#:~:text=A%20militariza%C3%A7%C3%A3o%20de%20escolas%20p%C3%BAblicas,para%20a%20%C3%A1rea%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o..> Acesso em: 15, Jun de 2020.

SAMPAIO, Cristiane. Como funcionam as escolas militarizadas que o governo Bolsonaro vai financiar. Brasil de fato, 2019. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2019/11/21/como-funcionam-as-escolas-militarizadas-que-governo-bolsonaro-vai-financiar>>. Acesso em: 15, Jun de 2020.

O que é o modelo cívico-militar e mais 3 dúvidas sobre a militarização das escolas. UBES, 2019. Disponível em: <<http://ubes.org.br/2019/o-que-e-o-modelo-civico-militar-e-mais-3-duvidas-sobre-a-militarizacao-das-escolas/#:~:text=Os%20col%C3%A9gios%20militares%20pertencem%20ao,mesmas%20verbas%20que%20col%C3%A9gios%20militares.>>>. Acesso em: 14, Jun de 2020.

MANZANO, Fabio. Censo Escolar registra queda de 4% em matrículas do ensino médio nas escolas públicas, G1 globo, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/12/30/cento-escolar-registra-queda-de-4percent-em-matriculas-do-ensino-medio-nas-escolas-publicas.ghtml>>. Acesso em: 13, Jun de 2020.

Uma em cada três matérias é dada por professor sem formação específica, diz Inep. Último Segundo, 2019. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2019-01-31/cento-escolar-de-2018.html>. Acesso em: 15, Jun de 2020.

RENAN, Davi. Educação: Faces do DF (documentário). 2019. (17m55s) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Iw-mkdgyAP4&t=24s>>. Acesso em: 4, Jun de 2020.